

Brandão: FMI devia ser mais drástico ainda

por Célia de Gouveia Franco
de Brasília

"Se eu fosse do Fundo Monetário Internacional (FMI), seria mais drástico do que eles estão sendo." Esse comentário resume com clareza a posição do ex-presidente do Banco Central, Carlos Brandão, sobre a atual política econômica: defende um tratamento de choque extremamente duro, mas de curta duração, para combater de forma mais violenta a inflação.

Atual presidente da Associação Nacional das Instituições de Mercado Aberto (Andima) e diretor do Banco Econômico, Brandão considera que o ponto mais correto, no seu ponto de vista, na política econômica é a condução do lado monetário. A política monetária fortemente contracionista seria adequada, pois estaria retirando o excesso de liquidez do mercado financeiro. Mas as políticas fiscal e cambial deveriam ser mais "realistas".

No caso da política fiscal, isso significa, no entender de Brandão, a pura e simples extinção de todos os subsídios, terminando-se dessa forma com o déficit fiscal. Na área cambial, ele sugere um aceleramento das desvalorizações do cruzeiro para compensar a alta do dólar nos mercados internacionais e propõe ainda o término do crédito-prêmio e do imposto sobre operações financeiras cobrado nas importações.